



AGÊNCIAS HUMANAS E NÃO HUMANAS: *Reconfigurações da tradição da canção popular*

Ricardo Lima (Frei) — UFMG / UFRN

E-mail: ricardofrei.voz@gmail.com |  ORCID: 0000-0002-0281-0483 |  Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8531947607646105>

Resumo

O artigo apresenta uma investigação motivada pela percepção de que as formas hodiernas de fruição musical podem reconfigurar o sentido de certa tradição musical. O autor, envolvido com a pesquisa de gestualidades vocais, observou, ao longo de seu percurso, que a escuta de canções por meio de plataformas digitais aciona mecanismos de recomendação maquínicos que agenciam vínculos e estreitamentos estético-musicais. Surgiu, então, o interesse em compreender como tais vínculos constroem um nexu em relação a uma noção de tradição da canção brasileira, entendida a partir das propostas de Marcos Napolitano e Luiz Tatit. Apresentam-se, aqui, apontamentos provenientes da cartografia das controvérsias (Teoria Ator-Rede), que não oferecem respostas definitivas, dada a realidade semovente que experimentamos, mas nos colocam diante de uma realidade associativa que produz pertencimento por meio de uma agência não humana, capaz de reconfigurar o sentido da tradição da música popular brasileira.

Palavras-chave: Agência não humana; Teoria Ator-Rede; Canção popular; Tradição cancional; Mecanismos de recomendação maquínica.

Human and Non-Human Agencies: Reconfiguring the Tradition of Popular Song

Abstract:

This article presents an investigation motivated by the perception that contemporary forms of music consumption may reconfigure the meaning of a certain musical tradition. The author, engaged in research on vocal gesturalities, observed throughout his trajectory that listening to songs through digital platforms activates algorithmic recommendation mechanisms that foster connections and aesthetic-musical convergences. This led to an interest in understanding how such connections construct a nexus in relation to a notion of Brazilian song tradition, as conceptualized by Marcos Napolitano and Luiz Tatit. The article presents reflections derived from the cartography of controversies (Actor-Network Theory), which does not offer definitive answers, given the ever-changing reality we experience, but rather places us before an associative reality that produces a sense of belonging through non-human agency, capable of reconfiguring the meaning of Brazilian popular music tradition.

Keywords: Non-human agency; Actor-Network Theory; Popular song; Song tradition; Algorithmic recommendation mechanisms.

1. A tradição como rede: reconfigurações da canção popular brasileira

De saída, é preciso afirmar que tomamos como referência histórica e conceitual a ideia de que a música popular brasileira, em sua forma canção, constitui, sim, uma tradição, cujos elementos são filtrados, incorporados e atualizados em momentos distintos – por sua própria dinâmica – por atores alinhados a essa mesma circunscrição vinculativa.

Vale destacar que chegamos até aqui a partir de uma proposta inicial de análise de gestos vocais de intérpretes populares identificados no aqui e agora da tradição da canção brasileira. O hábito de fruir, de forma recorrente, determinadas canções fez com que percebêssemos um agenciamento de nossa escuta, no ponto em que já não determinávamos mais o que uma determinada plataforma de *audio streaming* deveria tocar.

Não se trata de entregar a escuta a uma lógica randômica, mas de perceber a organização de um repertório que dava continuidade ao ato de fruição musical por meio de lógicas e equivalências supostamente relacionadas não apenas ao gosto do ouvinte, mas também a um determinado nível de vínculo entre as canções escolhidas pelo sujeito humano e por um agente não humano.

No que diz respeito ao que estamos chamando de tradição da música popular brasileira em sua forma canção, faz-se necessário esclarecer que sua admissão se sustenta na mobilização de trabalhos e proposições legados por ao menos dois importantes autores que se dedicaram ao tema. O primeiro, o historiador Marcos Napolitano, constrói o argumento que nos leva a adotar a noção de tradição para pensar os desdobramentos temporais e estéticos da música brasileira em sua face popular, urbana e comercial:

a música popular, entre outras propriedades, é uma espécie de repertório de memória coletiva. Por outro lado, tal como se configurou ao longo do século XX, é filha da sociedade capitalista moderna, da industrialização da cultura e do mercado de massas. Portanto, mesmo sendo produto de uma ruptura – a modernidade –, articula-se enquanto tradição, que pode assumir características próprias, conforme a configuração da vida cultural do país (Napolitano, 2007, p. 5).

O processo pelo qual se institui uma tradição, experimenta momentos de reassociação, reordenação e mediação, por vezes conflitantes e mesmo contraditórios. São ocasiões em que elementos, em prol da estabilização dos sentidos e da manutenção da própria condição de tradição, são excluídos, agregados, filtrados ou esquecidos, reestruturando-se e “formando um mosaico complexo que dispõe lado a lado diversos fatores culturais: o local e o universal, o

nacional e o estrangeiro, o oral e o letrado, a tradição e a modernidade” (Napolitano, 2007, p. 6).

Napolitano argumenta, então, em favor da existência e da validade de uma “linha formativa” da tradição da música popular brasileira, que se reorganiza de tempos em tempos, motivada por interveniências de ordens múltiplas, como questionamentos estéticos, políticos e comerciais. Esse movimento específico da tradição possui importância fundamental para a nossa “autoimagem” musical, bem como para a consagração da canção brasileira como “fenômeno cultural amplo e complexo”.

Tal linha formativa é entendida como um paradigma, uma referência, uma régua para balizar as produções musicais. Para Napolitano (2007, p. 6), esse “alinhavo” passa por três “conjuntos de eventos musicais, articulados por convenções, que envolvem determinada ‘comunidade cultural’ (artistas, produtores, audiência e crítica)”: samba, bossa nova e MPB. Para o historiador, são esses três elementos que formaram uma espécie de sustentáculo, uma “espinha dorsal” para a ideia de música popular brasileira, grafada em minúsculas: “foram as convenções, os debates, as estéticas e as ideologias” em torno desse alinhavo que confeccionaram a tradição (Napolitano, 2007, p. 6).

Contudo, há que se notar que o autor destaca a porosidade de tal constructo associativo ao admitir que, apesar de ser alvo de questionamentos e de não fazer jus “à riqueza e à diversidade de todas as manifestações no Brasil”, também não pode ser tomado como algo estanque, capaz de embotar novidades ou sufocar contribuições exógenas, oriundas de campos e matrizes culturais diversos (Napolitano, 2007, p. 6).

O fato de a tradição requerer a repetição de certas práticas pregressas, na busca pela consagração de valores e procedimentos, não impede que os costumes estejam conectados com o presente e com possíveis inovações. O costume não impede “as inovações e pode mudar até certo ponto”, embora responda ao marco da tradição, exigindo da prática compatibilidade com o que a precede (Hobsbawm, 1991).

Sintonizados com tal perspectiva, identificamos, ao longo da pesquisa de gestualidades vocais, produtos e ocorrências que não se restringem àqueles situados nos primórdios da configuração dessa tradição. Ao nos depararmos com novos termos vinculantes, buscamos compreendê-los como uma faceta dos processos de triagem e mistura que, dinamicamente, alimentam o passado que caracteriza e dá unidade à tradição da música popular.

Ao passado de uma tradição cabe o exercício de normatizar as práticas, aparando arestas, deglutindo variações e tornando-as próprias, criando uma forma nativa de ser para elementos que poderiam soar perturbadores à invariabilidade projetada por uma prática instituída.

Por falar em triagens e misturas, o outro pesquisador que nos auxilia, de forma complementar, a pensar o processo de institucionalização da tradição da música popular pelo viés da canção é o compositor e linguista Luiz Tatit. Podemos dizer que o autor também concebe uma tradição que, contudo, se institui com a “era dos cancionistas”, considerados os “bambas da canção”, afinados com o progresso tecnológico, a moda, o mercado e o gosto imediato dos ouvintes, numa noção estética que, desde os primórdios do século XX, sempre esteve ligada ao entretenimento (Tatit, 2008, p. 40). Para o autor (2008, p. 44), a canção firmou-se como a maior representante do universo musical popular brasileiro. Tal convicção o levou a afirmar que “o gênero canção virou a música do Brasil e, a partir do movimento bossa nova, a música brasileira de exportação”.

Assim, fica evidente que os desdobramentos relacionados à questão da tradição, expostos no argumento do autor, ganham certa equivalência – ao menos em termos – com aquilo que Napolitano indica como ações e vestígios históricos que configuraram a tradição da música popular brasileira.

O gesto cancionista, atrelado às formas cantáveis da fala e ao seu princípio entoativo, firma-se na história da música popular brasileira na década de 1930 (Tatit, 2008). Contudo, há um antes e um depois que alcançam a contemporaneidade. Os gestos e a produção de canções institucionalizaram-se e se consolidaram, produzindo um rastro capaz de evidenciar a tradição pelo viés cancional.

Tatit parte de uma observação histórica cuja chave de leitura se organiza por processos denominados triagens e misturas. Um traço fundamental de sua perspectiva é a oralidade que impregna o fazer cancional, engendrando o *modus operandi* dos compositores populares. Esse princípio, capaz de proporcionar uma “verdade enunciativa” às canções populares, é entendido como “centro propulsor de soluções” e se coloca como peça fundamental para a compreensão da chave histórica proposta por Tatit.

São quatro os processos de triagem e um de mistura que compreendem a tradição da música popular brasileira em sua forma canção, a saber:

A primeira triagem se dá por ordem técnica, uma vez que os **dispositivos técnicos** disponíveis para a gravação – e conseqüente comercialização – da canção popular extirparam

toda sonoridade refratária. A segunda triagem diz respeito à constituição de uma forma ideal de canção brasileira voltada ao consumo. A terceira triagem é entendida por Tatit como de ordem estética e se consuma com o advento da bossa nova. Para o autor, houve um combate frontal aos excessos musicais e semânticos, selecionando e estabelecendo os recursos essenciais para a criação de uma espécie de canção absoluta. A bossa nova evitou tudo aquilo que poderia, por exagero, obstruir o *modus loquendi* do cancionista.

Segue-se, então, a mistura: trata-se da intervenção tropicalista, que “promoveu a mais ampla assimilação de gêneros e estilos da história da música popular brasileira” até aquele momento (Tatit, 2008, p. 103). Por fim, uma outra triagem, agora de ordem mercadológica, na qual o mercado opera como mediador ao reequilibrar a cena com canções passionais, tematizadas e figurativizadas de músicos brasileiros, uma vez que a “paisagem musical” estava repleta de artistas internacionais.

Entende-se, assim, não obstante a mobilização de balizas teóricas distintas, que a música popular brasileira se constitui como uma tradição viva, potencializada e portadora de enunciações que se atualizam em diálogo com aquilo que a antecede e a alimenta. Trata-se de uma atividade criadora que se reoxigena em seu dinamismo, em um movimento que incorpora e expurga, rejeitando o imobilismo, a dogmatização, a inércia ou qualquer aceno taxidermista.

Sob tal perspectiva diacrônica, e atentos aos rastros do percurso investigativo, chamou-nos a atenção o fato de que nossa prática de escuta, valendo-se de plataformas de *audio streaming*, de alguma forma instruía a agência de mecanismos de recomendação que buscavam construir aproximações e nexos estético-musicais. Tais nexos, supúnhamos, poderiam impactar a ideia estabilizada que tínhamos dos vínculos próprios à tradição em questão.

Diante disso, operamos uma cisma epistêmica e cartografamos essa porção do percurso com o intuito de compreender o papel dos mecanismos de recomendação – aqui entendidos como um actante de natureza algorítmica – na referenciação cancional que se efetivava por meio da criação de *playlists* voltadas à oferta de canções supostamente afins.

Passamos, então, à coleta de vestígios, buscando identificar as relações entre gestos vocais de intérpretes, recomendações maquímicas e uma possível atualização do que estamos considerando como tradição da música popular brasileira.

2. Mediação algorítmica e redes de escuta na canção popular

Ao longo do percurso, procuramos compreender as particularidades de alguns gestos vocais que atualizam a música popular brasileira, em uma perspectiva que os relaciona a uma tradição cancional instituída. Desde o início, propusemo-nos a cartografar a rede associativa que envolve esses gestos, buscando compreender seus agenciamentos e elementos actanciais. Esse movimento foi decisivo para a identificação de um aspecto particularmente relevante para a compreensão deste estudo.

Dada a praticidade – mas também a adequação às formas hodiernas de consumo musical –, durante todo o processo de escuta voltado à análise dos gestos, utilizamos plataformas digitais como dispositivos de mediação de acesso ao acervo investigado. Elegemos o Spotify como principal plataforma de *streaming* a nos acompanhar, bem como a Apple Music – esta última utilizada para consulta de metadados e outras informações de *tags* que não se encontram devidamente sistematizadas ou visíveis em outros acervos digitais.

De fato, já utilizávamos o Spotify há alguns anos. Durante o período da pesquisa, contudo, intensificamos o uso do serviço em prol da imersão no repertório investigado. Em determinado momento, passamos a explorar outros recursos da plataforma que sempre estiveram ali, à mão, mas que, até então, não haviam nos sensibilizado. Referimo-nos às *Daily Mix*, playlists sugeridas pelo próprio aplicativo, baseadas, entre outros fatores, no regime de escuta e nos padrões de fruição musical experimentados.

Trata-se de listas compostas por canções associadas por meio de uma curadoria algorítmica, que proporcionam uma experiência de escuta capaz de identificar afinidades entre gostos, canções, hábitos de audiência, curadorias humanas, além de informações disponibilizadas pelos próprios artistas (ou seus representantes) e pelos usuários.

Por meio delas, experimentamos descobertas musicais afinadas com uma qualidade de escuta que busca, de algum modo, tensionar a previsibilidade de listas previamente planejadas por nós, ao mesmo tempo em que mantém nexos, relaciona estilos e explora afinidades. À época, dispúnhamos de seis *Daily Mix* distintas, sugeridas a partir de seis tipos de vínculos identificados, além de um “Radar de Novidades” e das “Descobertas da Semana”.

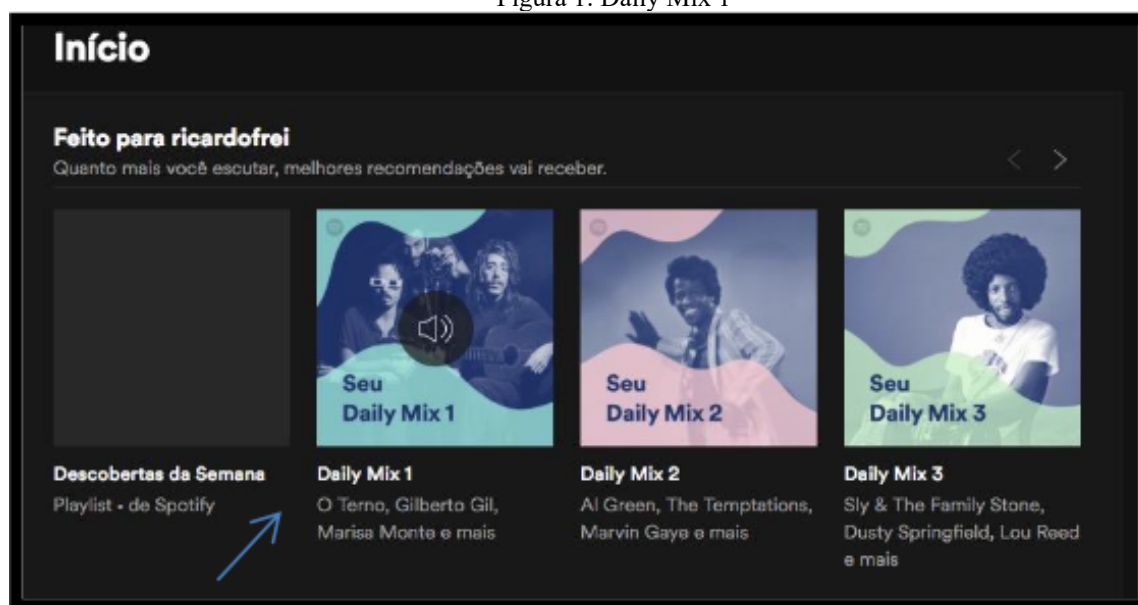
Em síntese, tais playlists integram um mecanismo de recomendação que ganha pertinência em um contexto de oferta excessiva de canções – algo característico e potencializado pelas

plataformas de *streaming* musical. Nesse cenário, a recomendação assume um papel tutorial, constituindo uma forma de curadoria – “feita por humanos e/ou máquinas, [que] tem o papel de filtrar, selecionar e guiar a experiência de consumo, sendo uma forma de lidar com a abundância e superacessibilidade de conteúdo” – experimentadas como facilidades decorrentes do ciberespaço e da cibercultura (Moschetta; Vieira, 2018, p. 258).

Nessa perspectiva, as ferramentas de curadoria tornam-se “a principal forma de selecionar, organizar e apresentar músicas, construindo significados a partir de um recorte que o curador — seja ele humano e/ou máquina — julga ser relevante para o ouvinte” (Moschetta; Vieira, 2018, p. 261).

Ao nos atentarmos às sugestões da curadoria maquínica do Spotify, percebemos que a *Daily Mix 1* — supostamente aquela com maior afinidade com o padrão de consumo do usuário — estava dedicada aos intérpretes e cantores que mais escutávamos. Ao acessar essa playlist, contudo, compreendemos que ela não se restringia aos artistas selecionados, mas configurava um campo associativo que operava aproximações e revelava determinados tipos e níveis de vínculo.

Figura 1: Daily Mix 1



Fonte: Spotify (2020)

Figura 2 – Imagem parcial da Playlist Daily Mix 1



Fonte: Spotify (2020)

Ali, exibia-se – e fazia-se soar – um entrelaçamento estético cujas afinidades delineavam nós na rede de escuta, capazes de promover a fruição segundo uma lógica de conexões. Tal lógica, por sua vez, pareceu-nos evidenciar uma nova forma de contato com aquilo que nomeamos como tradição da música popular brasileira.

Isso porque as Daily Mix são organizadas por “intimidades”, por “atrações eletivas”, que revelam, ainda que de modo maquínico, como o repertório dos intérpretes da música popular na atualidade se relaciona com outros repertórios, cantores e compositores que os antecederam, dinamizando, assim, a percepção da própria tradição – agora também retroalimentada por atividades e decisões de um actante não humano. Cortez (2016, p. 45) nos diz que, frente à quantidade e diversidade de músicas disponibilizadas pela internet, “a função de recomendação se torna cada vez mais necessária, seja para indicar lançamentos e preferências das audiências em contextos específicos, seja para estabelecer relações de similaridade entre artistas, gêneros musicais e perfis de gosto”.

De fato, entendemos que a caixa-preta de que nos fala Latour, em sua Teoria Ator-Rede, encontrava-se aberta, e que estávamos diante de uma rede associativa em pleno movimento de reagregação e ressignificação da tradição da canção popular, no que diz respeito à manutenção ou reconstrução de afinidades por meio de uma forma específica e amplamente disseminada de consumo musical.

Moschetta e Vieira (2018, p. 265) esclarecem que “o Spotify utiliza uma combinação de curadoria humana e algorítmica para sugerir e apresentar músicas compatíveis com os gostos e preferências musicais passadas dos utilizadores, funcionando como um fio condutor da experiência de consumo no presente”. Tal curadoria se vale da associação de dados capturados a partir do consumo registrado do usuário para tomar decisões de forma complexa e, até certo ponto, opaca, uma vez que não temos plena ciência de todas as automatizações que delegam aos algoritmos a responsabilidade por esse tipo de agenciamento.

Os autores denominam esse procedimento de infomediação, definindo-o como “entidades organizacionais que monitoram, coletam, processam e reembalam dados de uso cultural e técnico em uma infraestrutura informativa que molda a apresentação e a representação de bens culturais [...] oferecendo novas experiências de conteúdos familiares” (Morris *apud* Moschetta; Vieira, 2018, p. 266).

Encontramo-nos, assim, diante de um dos rastros que orientam o processo cartográfico ao qual nos dedicamos desde o início da pesquisa. A mediação operada pela plataforma reconfigura e retroalimenta, sob certa perspectiva, o sentido da tradição da música popular. Isso porque, embora a operação de recomendação tenha como gatilho a identificação das preferências do usuário, ao conectar informações provenientes de um grande número de outros usuários e de metadados das canções — capazes de sugerir aproximações —, o elemento particular tende a ser diluído em um agenciamento distribuído, operando no contexto do que tem sido identificado como *Big Data*¹.

Nesse cenário, a mediação maquínica incumbe-se de reconhecer agentes de interface que articulam “funções mecânicas — como reconhecer padrões, hábitos e comportamentos dos utilizadores — e agentes humanos, responsáveis pela construção de significado por meio do acesso, consumo e compartilhamento das informações” (Alzamorra; Cortez *apud* Moschetta; Vieira, 2018, p. 266), instituindo, assim, um repertório que busca certa coesão e coerente, sobretudo do ponto de vista estilístico, mas também comercial, interconectando e relacionando intérpretes, canções e autores sob etiquetas aglutinadoras (*tags*).

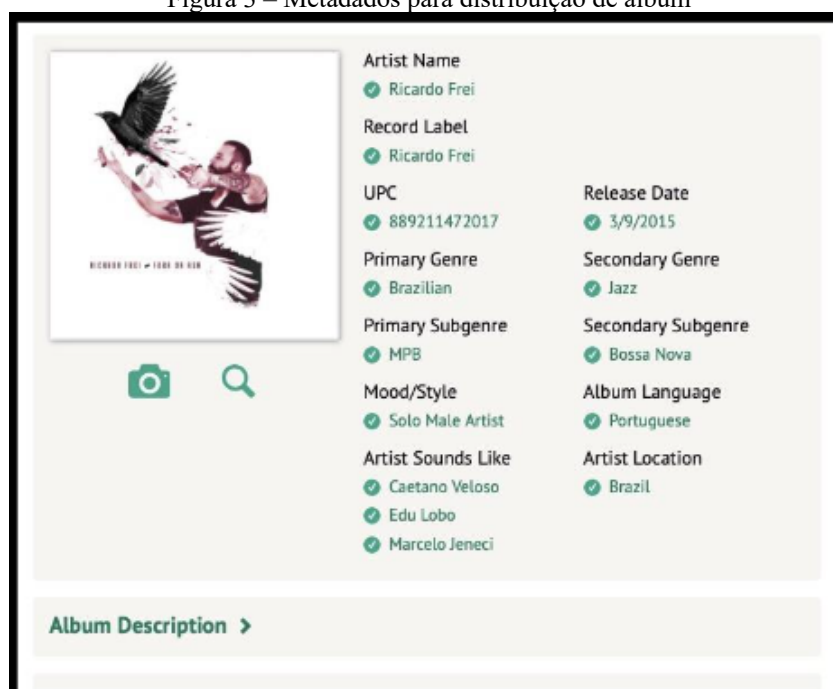
Essa relação, segundo Cortez (2014, p. 46), vale-se de três tipos de recomendação: a baseada em conteúdo, pela qual “são recomendados ao usuário itens similares àqueles que o usuário

¹ Conceito que descreve um grande volume de dados de alta complexidade advindos, principalmente, de novos “mananciais”. Indicam velocidade, variedade e volume cada vez maiores da produção, coleta, organização e processamentos de tais dados.

preferiu no passado”; a colaborativa, cuja recomendação se dá por meio de “itens que pessoas com gosto similar apreciaram no passado”; e a híbrida, que consiste na combinação das duas anteriores, com o objetivo de aprimorar o sistema.

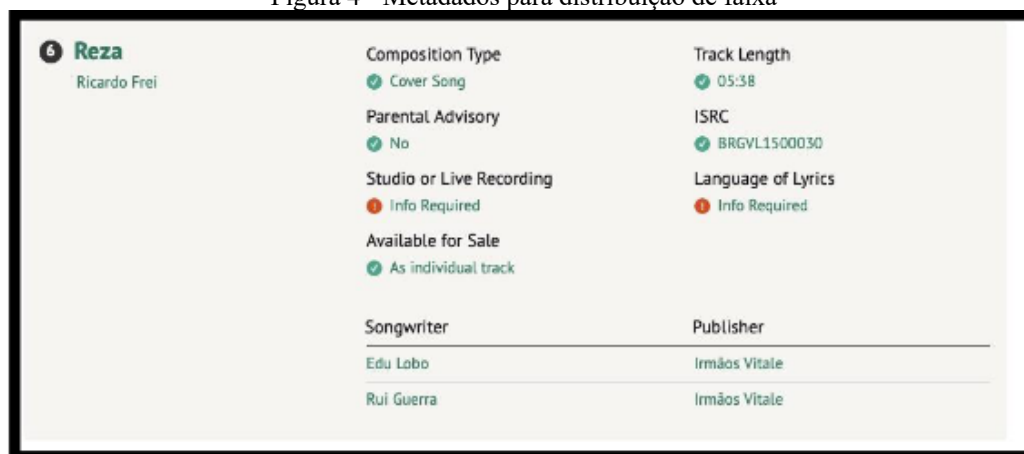
Embora esse aspecto não seja tratado por Cortez, sugerimos incluir, nesse conjunto de elementos que alimentam e orientam os processos de mediação algorítmica, o preenchimento dos metadados de cada canção — algo exigido do próprio artista ou de seu representante como requisito obrigatório para a distribuição de faixas ou álbuns nas plataformas, como ilustram as imagens a seguir:

Figura 3 – Metadados para distribuição de álbum



Fonte: CD Baby (2022)

Figura 4 - Metadados para distribuição de faixa



Fonte: CD Baby (2022)

É importante destacar que, nos metadados do álbum, por exemplo, a distribuidora solicita o preenchimento dos campos “Clima/Estilo”, “Gênero e Subgênero” (primários e secundários) e “Artista semelhante”. Os dois últimos nos parecem especialmente importantes para as decisões algorítmicas de estabelecer conexões e tipos de afinidade com outros artistas e faixas. Tais informações, evidentemente, são cotejadas com a conduta de outros usuários para se efetivarem como recomendações.

Todavia, tratam-se de mais uma fonte de informação a alimentar e orientar os processos de mediação algorítmica, abastecendo as “inteligências” actanciais que operam na reconfiguração das filiações entre intérpretes, compositores e canções. É importante esclarecer que as informações contidas nos metadados, como em outros loci desse ciberambiente, são potencialmente tags, aqui entendidas como actantes indexadores, ou seja, entidades que descrevem conteúdos informacionais e operam a partir de aparatos ou sistemas de indexação. Nesse sentido, configuram-se como actantes relevantes na produção de nexos, laços e condições de vinculação.

Tomando a relevância quantitativa e qualitativa do consumo por meio de plataformas digitais, estamos convencidos de que a experiência com o repertório sugerido pelas formas de curadoria que o constroem exhibe uma proposta de releitura — pragmática ou não — da tradição, capaz de produzir reconhecimento e pertencimento a partir de “padrões de afinidade e similaridade entre seus elementos”, algo “minerado” por informações categóricas supra e interindividuais (Cortez, 2014, p. 47).

Ao longo da pesquisa, portanto, convencemo-nos de que, dessa escuta — e das relações musicais que a *Daily Mix* nos fazia experimentar —, poderíamos recolher pistas sobre como a tradição se reconfigura na atualidade do consumo de canções via plataformas de *streaming* musical. Deparamo-nos, assim, com um actante não humano capaz de impactar de forma relevante as noções de vinculação da tradição da canção brasileira, a partir de uma proposta de curadoria maquínica.

A partir de uma rotina de escutas e anotações, construímos 26 listas, totalizando 528 entradas² de canções. Esse foi o ponto de partida para a criação de um banco de dados, no qual

² Cada canção é uma entrada no banco de dados que foi se construindo ao longo do processo.

trabalhamos com a mensuração de incidências, com o objetivo de contabilizar constâncias e repetições, evidenciar aproximações e afastamentos, bem como identificar estratégias de vínculo estético-comercial e entrelaçamentos de outras ordens.

O banco de dados estrutura-se em colunas que, além de indicar o nome da canção e do intérprete, incluem atribuições que funcionam como *tags* indicadoras da tradição e de sua reconfiguração. O que fizemos foi produzir etiquetamentos que, em um cenário operacional, pudessem agenciar afinidades e promover, do ponto de vista actancial, ações vinculantes, tal como ocorre com os metadados e demais informações que acompanham cada faixa, artista, álbum ou *single*. Tais informações, que se “incrustam” na canção — tomada aqui como um indicador do universo digital do *audio streaming* —, operam como *tags*.

Diante disso, criamos outras *tags* possíveis, de modo que estas passassem a operar como estruturantes do próprio banco de dados. Sua agência, assim como a de quaisquer outras *tags*, presta-se à organização, recuperação e conexão de informações, sendo, portanto, de fundamental importância para a construção de uma curadoria maquínica que depende da identificação e do alinhavo de afinidades.

Isso se torna possível na medida em que as informações são traduzidas em etiquetas com viés associativo. Foi com o objetivo de trabalhar o banco de dados, emulando tais conexões e mensurando vínculos, que nos dedicamos à criação e ao endereçamento de *tags*.

3. Tinha uma máquina no meio do caminho

O banco de dados construído a partir das recomendações contidas na *Daily Mix 1* do Spotify nos ofereceu a escuta de 528 canções, interpretadas por 126 intérpretes distintos. Constata-se, de saída, um percentual aparentemente expressivo de repetição.

Do total de intérpretes, apenas 37 contam com uma única canção executada pela curadoria maquínica – condição que poderia, ao que nos parece, favorecer a diversidade e a inclusão de artistas no conjunto de uma *Daily Mix* motivada pelo universo da nova geração de intérpretes e compositores da música popular brasileira. Esse número corresponde a apenas 7,01% do montante de canções. Em contraste, observamos que os 13 intérpretes mais recorrentes – todos com 10 ou mais canções incidindo no resultado total da *playlist* – correspondem a 33,33% do repertório escutado. Em outras palavras, um terço das escutas concentra-se na obra e nos gestos vocais de apenas 13 intérpretes do universo analisado. Além disso, aproximadamente 59,5%

das canções são executadas por um total de 76 intérpretes, o que perfaz uma média de cerca de 4 canções por gestualidade. Considerando a totalidade dos casos – isto é, incluindo desde os intérpretes mais recorrentes até os menos recorrentes –, obtém-se uma média global de 4,2 canções por intérprete.

Em síntese, podemos afirmar que há uma redundância significativa incidindo sobre cerca de dois terços da *Daily Mix*, configurando um universo de escuta que poderia, em alguma medida, ser mais inclusivo. Essa condição de possibilidade torna-se pertinente na medida em que não consideramos – seja por não termos acesso, seja por desconhecimento – as razões e estratégias comerciais que podem operar e interferir nos mecanismos de criação de vínculos, bem como na escolha das canções, dos intérpretes e dos padrões de repetição. Sem essas informações, e partindo exclusivamente da observação do banco de dados, podemos afirmar que há um grau considerável de redundância e de estabilização de padrões de escuta, o que, por um lado, contribui para construir uma expectativa de escuta, bem como um reforço vincutivo do repertório, ainda que com um estreitamento relativo do universo de intérpretes, que poderia ser mais amplamente acionado em favor da diversificação da playlist. Um agenciamento orientado pela diversidade poderia, inclusive, revelar um número ainda maior de conexões e afinidades de repertório.

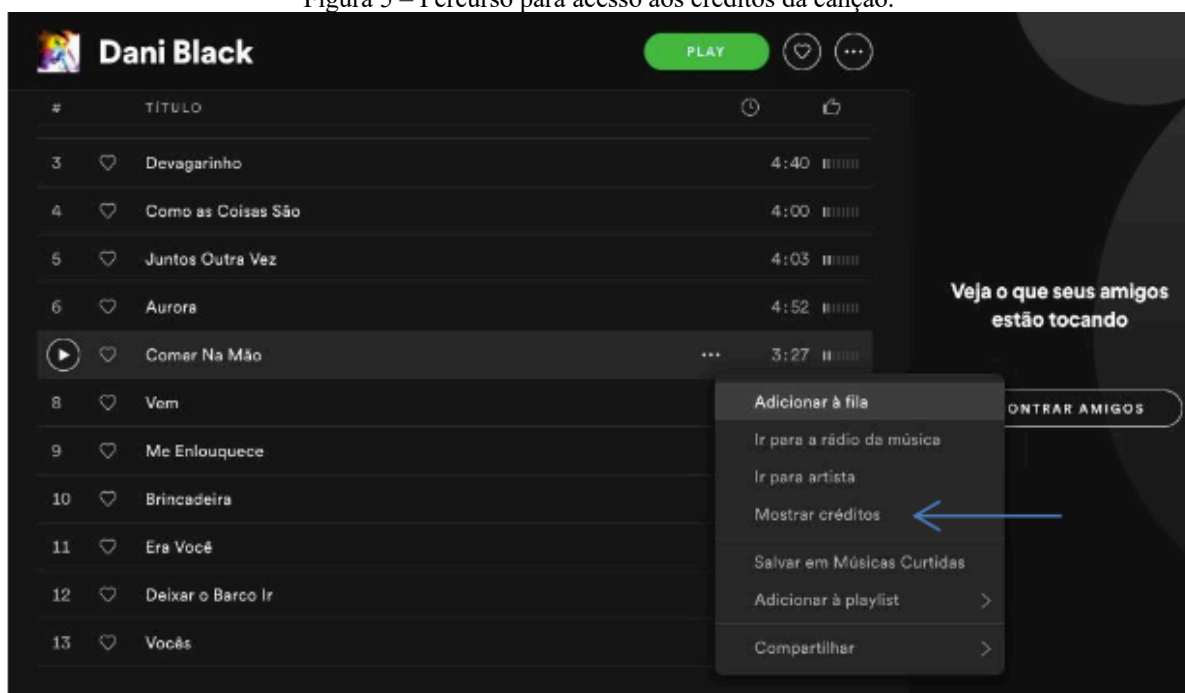
Todavia, há ainda muito a se desvendar nesse sistema lógico, operado tanto por *inputs* humanos quanto por processos e programações que desconhecemos. Somente assim poderemos avaliar se essa limitação decorre, de fato, de uma característica própria da operação maquínica ou de arranjos sociotécnicos que articulam interesses de mercado e decisões algorítmicas — para citar apenas algumas possibilidades. Importa destacar que a redundância não se resume às ocorrências reiteradas de intérpretes. Quando cotejamos a coluna que indica o intérprete com aquela que nomeia as canções, deparamo-nos com indicadores que ampliam e intensificam tal redundância.

Em uma espécie de síntese que retoma a questão da tradição, verificamos sua força ao constatar que, no cômputo geral – excetuando-se as incidências ligadas ao universo da nova geração –, 366 canções se vinculam a um dos momentos definidores da tradição da música popular brasileira, tendo em vista a institucionalização proposta por Napolitano e as triagens e misturas indicadas por Tatit. Tais momentos foram identificados por meio das seguintes *tags*: Bossa Nova, Samba, MPB (incluindo MPB dos anos 1970, 1980 e 1990) e Tropicália. Restam, assim, 37,5% das ocorrências, distribuídas entre dez outras *tags* indicativas de tradição – sejam externas, sejam outras tradições internas já mencionadas – que não integram o eixo estruturante

da tradição conforme os apontamentos desses autores. Desse percentual, destacam-se, como vimos, intérpretes associados, em paralelo, aos universos do rock, do funk/soul e do pop – elemento revelador do gesto antropofágico tropicalista, que deglute e incorpora elementos advindos de outras matrizes culturais. Procuramos também observar como a playlist *Daily Mix 1* atua como actante na reconfiguração da tradição, na medida em que propõe regimes de escuta, repertórios, vinculações entre intérpretes e formas de pertencimento, a partir de nexos estéticos e comerciais. Nesse sentido, compreender e acompanhar criticamente a lógica de distribuição digital da música – mediada por curadoria maquínica – torna-se fundamental, na medida em que esse elemento actancial impacta a rede associativa e cria novas possibilidades semânticas no fluxo dinâmico e particular do consumo contemporâneo das gestualidades.

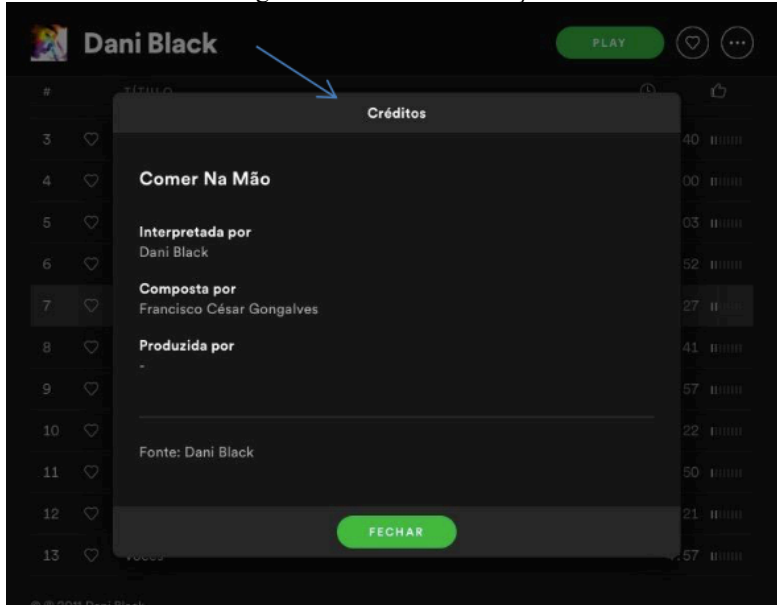
Atentos a esse aspecto, faz-se necessário apontar questões que, aparentemente, limitam as possibilidades vinculatórias. Em primeiro lugar, a falta de transparência quanto às lógicas de *tagueamento*, aliada à evidente invisibilidade dos metadados, impede que os próprios artistas participem ativamente da construção e da escolha das possibilidades de vínculo. Na plataforma Spotify – maior serviço de *streaming* musical da atualidade –, temos acesso ao que a empresa denomina “créditos da música”. Ali, encontramos, quando isso está preenchido, nome de autor e intérprete, além da fonte de informação. Observe a sinalização de informações, e da falta delas, na imagem abaixo:

Figura 5 – Percurso para acesso aos créditos da canção.



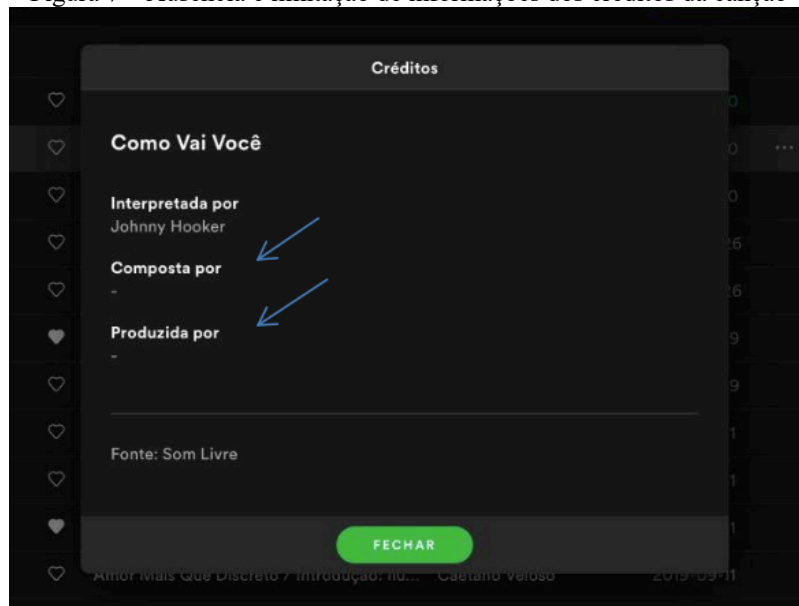
Fonte: Spotify (2020)

Figura 6 – Créditos da canção.



Fonte: Spotify (2020)

Figura 7 – Ausência e limitação de informações dos créditos da canção



Fonte: Spotify (2020)

Percebe-se que não há um caminho acessível para a verificação dos metadados. Uma vez esclarecida e aberta à possibilidade de endereçamento por parte do artista, essa dimensão pode constituir um mecanismo importante para a produção de nexos, a criação de aproximações e distanciamentos — de ordem estética, mercadológica e outras —, incidindo, assim, sobre a própria configuração da tradição.

5. Considerações finais

Ao longo deste artigo, buscamos compreender de que modo as formas contemporâneas de escuta musical, mediadas por plataformas digitais, participam da reconfiguração da tradição da canção popular brasileira. Partindo da articulação entre os aportes de Napolitano e Tatit e a perspectiva da Teoria Ator-Rede, procuramos evidenciar que a tradição, longe de constituir um repertório fixo ou estabilizado, apresenta-se como um efeito dinâmico de associações, mediações e traduções continuamente atualizadas.

A análise do funcionamento das *Daily Mix* – em especial a partir da construção e exploração de um banco de dados orientado por etiquetas – permitiu-nos observar como a escuta, ao ser atravessada por mecanismos de recomendação, passa a se organizar segundo uma lógica relacional que articula gostos individuais, padrões coletivos, metadados e estratégias de curadoria. Nesse contexto, a plataforma não opera como mero intermediário, mas como actante que participa ativamente da constituição de vínculos, da estabilização de padrões de escuta e da produção de sentidos.

Ao evidenciar a presença de redundâncias e de processos de estabilização – ainda que combinados a dinâmicas de descoberta e expansão –, o estudo aponta para uma tensão constitutiva entre diversidade e previsibilidade no interior dos sistemas de recomendação. Tal tensão sugere que a reconfiguração da tradição não se dá apenas pela incorporação de novos elementos, mas também pela reiterada circulação de determinados repertórios e gestualidades, agora mediados por arranjos sociotécnicos que articulam decisões algorítmicas, práticas de consumo e interesses de mercado.

Nesse sentido, a tradição da canção popular brasileira pode ser compreendida, no cenário contemporâneo, como uma rede em permanente reconfiguração, na qual actantes humanos e não humanos operam conjuntamente na produção de pertencimentos, afinidades e formas de reconhecimento. As plataformas de *streaming*, ao organizarem a escuta por meio de curadorias algorítmicas, tornam-se instâncias relevantes na atualização dessa tradição, influenciando tanto a circulação quanto a percepção dos repertórios.

Por fim, os resultados aqui apresentados apontam para a necessidade de investigações futuras que aprofundem a compreensão dos modos de funcionamento dos sistemas de recomendação, especialmente no que diz respeito à opacidade de seus critérios, à participação dos artistas na definição de metadados e às implicações dessas dinâmicas para a diversidade estética e cultural.

Compreender tais processos implica, em última instância, reconhecer que a tradição não apenas se preserva ou se transforma, mas se negocia continuamente no interior de redes complexas de mediação.

Referências

- CORTEZ, Natália Moura Pacheco. *Dinâmicas de circulação de músicas na ecologia midiática de streaming: semiose em redes híbridas*. Belo Horizonte, 2016. 185 f. Tese de doutorado em Comunicação Social. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 2016.
- HOBBSAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 9-23.
- MOSCHETTA, Pedro. VIEIRA, Jorge. Música na era do streaming: curadoria e descoberta musical no Spotify. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 49, p. 258- 292, set-dez, 2018.
- NAPOLITANO, Marcos. *A síncope das ideias: a questão da tradição na música popular brasileira*. 1a ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.
- TATIT, Luiz. *O Século da Canção*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

SOBRE OS AUTORES



Ricardo Lima (Frei)

Ricardo Lima (ou Ricardo Frei) é professor adjunto do Departamento de Comunicação Social da UFMG. Ministra disciplinas no campo do Canto Popular, Grupos Vocais, História e Literatura do Canto e da Canção Popular, além de outras ligadas ao campo da Música e Cultura. Lidera os grupos de pesquisa Nheengaratã (UFRN) e Vox Mundi (Unicamp), dedicados aos estudos da voz e da tradição da canção popular. É docente credenciado nos PPGs da EMUFRN e da EMUFG, respectivamente, nas linhas de Processos e Dimensões da Formação Artística e Música e Cultura. Possui formação em Comunicação Social e Ciências Sociais pela UFMG. É mestre em História pela mesma instituição e doutor em Música pelo Instituto de Artes da Unicamp. Nos últimos anos, tem publicado em prestigiadas revistas científicas nacionais e internacionais. Seus trabalhos concentram-se nos campos do Canto Popular e da Música e Cultura. Atualmente, pesquisa as indiciabilidades da voz cantada, atua na constituição de um memorial das vozes e dos cantares populares brasileiros e investiga o impacto de agentes não humanos na reconfiguração da tradição da canção popular. Suas abordagens recorrem, principalmente, a teorias e metodologias da semiótica e da história, com destaque para a influência do pensamento latouriano em sua produção. É autor do livro *Canto popular brasileiro contemporâneo: actâncias vocais, cartografias gestuais e tradição da canção*. É cantor, compositor e audioartista, com três álbuns gravados, além de trilhas e paisagens sonoras.